

INFLUÊNCIAS DA REVOLUÇÃO CUBANA NOS MOVIMENTOS GUERRILHEIROS NA AMÉRICA LATINA

José Ribamar Carlos Rodrigues Júnior

RESUMO

A Revolução Cubana é um tema sempre recorrente na América Latina. O ideal de luta do guerrilheiro como transformador social consistiu e ainda consiste como o exemplo máximo de luta e revolução para parte das esquerdas nas Américas. Venho por meio de esse artigo tentar mostrar como o caso emblemático de Cuba, a partir das reformas sociais empreendidas pelo regime de Fidel, se transformou em um mito da revolução “socialista” na América Latina. As tentativas do regime Cubano de exportar a revolução e a forte influência dos PC’s (Partidos Comunistas) foram essenciais para a disseminação de movimentos guerrilheiros de influência Guevarista em países como: Guatemala, Peru, Nicarágua, Venezuela, Argentina, Brasil, Colômbia e Bolívia.

Palavras-chave: Revolução; Cuba; Guerrilha; América Latina.

INTRODUÇÃO

No dia 02 de janeiro de 1959, Fidel Castro fazia um discurso da varanda de um hotel na cidade de Santiago, anunciando a queda do regime ditatorial de Fungêncio Batista e a tomada do poder pelos revolucionários. A partir daquele momento teria início um regime que está a 48 anos no poder, despertando conflitos irreconciliáveis entre esquerda e direita em toda a América Latina.

O impacto da Revolução foi imediato. O mundo assistiu perplexo a um bando de pessoas que desembarcara há menos de três anos atrás a bordo do iate Granma – nas proximidades da praia de *Las coloradas*, no litoral Sul da ilha – conseguir com o apoio da população subverter um regime e tomar o poder. Cuba foi invadida por uma onda revolucionária, e uma série de intelectuais passaram a visitar a ilha.

O exemplo cubano foi tomado como o ideal de luta revolucionária, seus heróis foram exaltados em um panteão que nem mesmo as ditaduras militares que por aqui se espalharam e a dissolução do regime soviético conseguiram abalar. Fidel Castro e Che Guevara se transformaram em heróis não só de Cuba, mas de dezenas de outros movimentos guerrilheiros que se espalharam pela América Latina.

(...) O impacto inicial foi maior na própria América Latina, onde escritores e intelectuais revigoraram-se com o fato de o continente parecer ser, pela primeira vez desde o começo o século XIX, novamente protagonista da história mundial. Escritores que despontariam mais tarde, como os mais importantes romancistas da América Latina do século XX – Gabriel Garcia Márquez, Mario Vargas Llosa, Augusto Roa Bastos, Carlos Fuentes –, foram inspirados pela emergência cultural desencadeada pela Revolução.¹

Passada a euforia inicial dos primeiros anos da revolução, Fidel Castro logo se apressou em declarar o caráter socialista da mesma. Em 2 de dezembro de 1960, Fidel fez um discurso conhecido como a **Primeira declaração de Havana**, “*em que denunciou o imperialismo americano, justificou a Revolução Cubana como uma das lutas de libertação latino-americana e sugeriu que o regime revolucionário de Cuba ajudaria os povos da América Latina a se libertarem da dominação dos EUA.*”²

As relações diplomáticas entre Cuba e os Estados Unidos há muito vinham se deteriorando. O presidente norte-americano Eisenhower não via com bons olhos as crescentes reformas sociais implementadas pelo novo regime, e o perigo de ver um regime comunista em uma ilha localizada a poucos quilômetros do litoral estadunidense fez com que este apoiasse os constantes planos de sabotagens arquitetados pela CIA com a intenção de derrubar Fidel. O ponto alto dessas tentativas de golpe ao regime cubano se deu em abril de 1961, com a tentativa de invasão dos exilados da Baía dos Porcos, treinados e armados pelos Estados Unidos.

Frente a esses ataques, Fidel Castro tomou a decisão que lhe pareceu mais acertada: o alinhamento com a União Soviética através de uma aliança militar, garantindo assim a segurança da Revolução. Mal sabia ele que estava prestes a embarcar em uma perigosa aventura que seria o motivo da sua salvação e da sua derrota.

A GUERRA DE GUERRILHA: A EXPORTAÇÃO DA REVOLUÇÃO CUBANA

Desde os primórdios da Revolução, líderes como Che Guevara falaram em “*derrubar os ditadores do Caribe e estender as operações rebeldes ao continente latino-americano*”.³ Os discursos desses homens se baseavam, em geral, na teoria do internacionalismo proletário defendido por Marx e no ataque ao imperialismo norte-americano.

Che Guevara assim resumiu em seu discurso as influências do sucesso da Revolução Cubana:

O exemplo da nossa revolução e as implicações que ela implica para América Latina pressupõem a destruição de todas as teorias de Bar. Observamos que um pequeno grupo de homens decididos e sem medo da morte, com o apoio do povo, pode vencer um exército regular disciplinado. Esta é a lição essencial.⁴

A radicalização da revolução após as tentativas de golpe como o que ocorreu em 1961, com a tentativa de invasão da Baía dos Porcos, levou ao rompimento das relações diplomáticas com os Estados Unidos, que decretou o bloqueio econômico à ilha fazendo com que praticamente todos os países latino-americanos, com exceção do México, também rompessem relações diplomáticas com Cuba, implementando assim um embargo continental. Diante desse quadro, os cubanos sonharam com a exportação da sua revolução para os outros Estados latino-americanos, utilizando-se da estratégia da guerra de guerrilha que dera certo contra o governo de Batista.

A estratégia da guerra de guerrilha como uma forma de derrotar o inimigo, fustigando as suas forças constantemente, atacando e depois se escondendo, evitando o confronto direto com as forças do inimigo que são bem mais equipadas e preparadas, levando-o assim a loucura, é uma estratégia antiga muitas vezes utilizada ao longo da história por grandes generais e estrategistas. Guevara era o grande defensor desse tipo de estratégia militar para derrubar os Estados burgueses instalados na América Latina e no Caribe.

Em suas viagens pela América, Ernesto teve a oportunidade de conhecer boa parte da geografia, história e política da região, e também a crueldade do imperialismo

norte-americano, quando presenciou na Guatemala a queda do presidente eleito Jacobo Arbenz, que tentou implementar no país uma reforma agrária aliada a uma política de garantia de direitos trabalhistas. O novo presidente irritou latifundiários e grandes empresas como a multinacional estadunidense *United Fruit Company*. Em 28 de junho de 1954, a capital foi bombardeada com o apoio dos Estados Unidos culminando assim com a renúncia do presidente. Esse episódio marcaria profundamente a vida do guerrilheiro empenhado na luta contra o imperialismo ianque nas Américas.

Che defendia a etapa da luta guerrilheira contra os estados burgueses e o imperialismo, que deveria se desenvolver em dois ambientes diferentes: *“o povo, massa ainda adormecida que ainda precisava ser mobilizada, e sua vanguarda, a guerrilha, motor impulsor do movimento, gerador de consciência revolucionária e de entusiasmo combativo”*.⁵

Segundo a teoria tradicional concebida por Lênin – líder da Revolução Russa de 1917 – e adotada por todos os partidos comunistas do mundo, a revolução socialista deveria ser conduzida por uma minoria esclarecida, que se auto-proclamava “vanguarda do proletariado”. O modelo cubano apenas substituiu a vanguarda política por uma vanguarda militar.

Recrutas para combater ao lado da Revolução não faltaram. De todas as partes do mundo vieram homens dispostos a matar ou morrer pela causa revolucionária. Cuba passou a oferecer treinamento, armas, apoio logístico e, em alguns casos, combatentes. A estratégia básica de luta desses grupos consistia no que posteriormente ficou conhecido como foquismo revolucionário, ou seja, criar focos revolucionários pelo mundo com o objetivo de enfraquecer o imperialismo. Tratava-se, para os demais revolucionários do continente – que começaram a brotar de todos os lados –, de levar à prática o desejo de Che em vir a “transformar os Andes numa nova *Sierra Maestra*”.

A Revolução Cubana exerceu, sem dúvida, um enorme fascínio sobre as esquerdas. Sob sua influência, movimentos guerrilheiros surgiram em vários países da América Latina. No entanto, as lutas armadas que eclodiram nos anos 60 não podem ser consideradas meros reflexos da Revolução Cubana, embora muitos se tenham inspirado no seu exemplo. É importante que se tenha uma noção da conjuntura política da época

para se poder entender o porquê de uma revolução a partir da luta armada parecia ser algo perfeitamente possível para a época.

É importante ressaltar que, além do exemplo Cubano, esses movimentos recebiam influência do sudeste Asiático. A Guerra do Vietnã mostrou como uma população determinada a lutar aliada a um conhecimento tático e de defesa do território, poderia vencer até mesmo o poderoso exército norte-americano. Além disso, as críticas a Stalin e ao stalinismo já ganhavam força entre as esquerdas, causando assim um racha em muitos PC's. E, na América Latina, com exceção dos partidos comunistas do Brasil, do Chile, do Uruguai e da Argentina – que eram reformistas –, na Venezuela, Colômbia e Guatemala os PC's apoiaram explicitamente a luta armada e chegaram a organizá-la.

Muitos desses levantes armados se enquadram dentro do contexto de luta das Burguesias nacionais pela sua autonomia frente às especulações do capital estrangeiro (norte-americano, principalmente). Dessa forma, o nacionalismo aflorou em muitos países da América Latina, que lutavam não por uma revolução, mas pela chance de decidirem seus próprios rumos.

AS EXPERIÊNCIAS GUERRILHEIRAS

Na Nicarágua

Na Nicarágua, a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) foi fundada em julho de 1961, por jovens que atuavam na juventude do Partido Socialista Nicaragüense. Animados pelo triunfo da guerrilha em Cuba, a FSLN se dedicou a organizar ações armadas com o intuito de derrubar o Estado *somozista*⁶. Além de tentar organizar uma força militar no campo, a FSLN ganhou também muitos adeptos no movimento estudantil das cidades, que há muito já faziam oposição à aliança entre a oligarquia nacional e os interesses imperialistas que governavam o país.

A frente Sandinista de libertação nacional reivindicava os ideais do líder guerrilheiro Augusto César Sandino, que durante as décadas de 20 e 30 organizara um movimento guerrilheiro na Nicarágua em defesa da soberania nacional e da expulsão das oligarquias estadunidenses que controlavam o país. A opção de luta de organizar um movimento guerrilheiro tendo como base o campo, as montanhas e as fechadas florestas

tropicais nicaragüenses fez com que as tropas sandinistas empreendessem fragorosas derrotas às tropas norte-americanas que ocupavam o país.

Frente à antipatia generalizada que se instalou no país contra as tropas estadunidenses, o governo norte-americano não teve outra saída a não ser renunciar a ocupação em favor das eleições democráticas que ocorreriam em 1932. Mesmo não concordando com as eleições sobre a supervisão dos Estados Unidos, Sandino concordou com uma trégua para a disputa eleitoral. Mas a retirada militar dos americanos não deixou o território livre para que o povo nicaragüense decidisse sobre o seu próprio destino. *“A herança das décadas de ocupação norte-americana foi a criação de um exército de confiança dos EUA, a Guarda Nacional, um contingente militar que passava a ser um micro-aparato de poder dependente dos EUA.”*⁷

Nesse contexto, foi que surgiu a figura de Anastácio Somoza, chefe da guarda nacional, que passou a perseguir os homens de Sandino. Em 21 de fevereiro 1934, numa emboscada, o capitão da guerrilha Augusto César Sandino é assassinado. Somoza ocupa então o governo em 1936 mediante um golpe de Estado e instala uma ditadura que duraria 43 anos até o triunfo da Revolução Sandinista.

Como podemos ver, o movimento de libertação nacional, no caso da Nicarágua, não surgiu do nada, ou como um mero reflexo da Revolução Cubana, o que havia naquele momento era uma série de fatores combinados que praticamente empurraram o povo nicaragüense para a luta armada como principal forma de resistência para derrubar a ditadura somozista. Mas a esperança de uma Revolução na Nicarágua certamente estava nos sonhos cubanos: *“A Nicarágua estava na perspectiva de Che, e diz-se que ele deu 20 mil dólares a Carlos Fonseca e Tomas Borges em 1961, dois revolucionários que fundaram o movimento sandinista.”*⁸

Durante os anos 60 e início dos anos 70, a FSLN se preocupou mais com a formação das suas bases, intensificando-se a criação de uma rede de infra-estrutura e comunicação com o objetivo de formar militantes. A guerrilha urbana também se intensificou com o objetivo de arrecadar fundos mediante assaltos a bancos. Em 1974, a FSLN organizou uma ação de grande porte seqüestrando vários embaixadores estrangeiros que estavam no país em uma festa realizada por um alto oficial ligado ao

governo de Somoza em homenagem ao embaixador dos EUA. Com essa ação, os guerrilheiros conseguiram libertar vários presos políticos e chamar a atenção do mundo para a sua causa, mas também conseguiram com que se intensificassem as ações repressivas ao movimento por parte do governo.

A FSLN acabou por concentrar seus objetivos de luta em dois pontos principais: a expulsão e a expropriação dos bens da família Somoza do país e a substituição da guarda nacional por um novo exercito. Assim,

Depois de quatro meses de ações que se desenvolveram em todo o território nicaragüense, as forças da FSLN entraram vitoriosamente em Manágua, no dia 19 de julho de 1979, dois dias depois que Somoza havia fugido para o exterior, levando consigo tudo o que pôde carregar de bens do Estado nicaragüense, e tentando ainda deixar um herdeiro político que não durou nem 48 horas.⁹

No Brasil

O golpe dado pelos militares em 1964 pegou muitos setores da esquerda de surpresa que até então tinham como principais representantes o PCB (Partido Comunista Brasileiro) e os dissidentes desse partido que fundaram em 1962 o PCdoB (Partido Comunista do Brasil). O cisma ocorreu devido a vários fatores, como: as novas orientações moscovitas com a ascensão de Nikita Krushev ao poder na União Soviética que passou a denunciar os crimes e as atrocidades cometidas por Stalin em seu governo; o cisma sino-soviético devido à ascensão da revolução chinesa e às novas políticas empreendidas por Mao Tsé-tung; e as próprias discussões internas no interior do partido com relação aos métodos da Revolução.

No momento do golpe, grande parte das esquerdas apoiava o governo do populista João Goulart, que tentava implementar as reformas de base com o apoio da população. Diante do golpe, houve então uma série de rachas entre os diversos setores da esquerda. O radicalismo aflorou e muitos escolheram a luta armada como única forma de subverter o regime.

As esquerdas radicais se lançaram na luta contra a ditadura, não porque a gente queria uma democracia, mas para instaurar o socialismo no país por meio de uma ditadura

revolucionária, como existia na China e em Cuba. Mas, evidentemente, elas falavam em resistência, palavra muito mais simpática, mobilizadora, aglutinadora. Isso é um ensinamento que vem dos clássicos sobre a guerra (...) Falava-se em cortar cabeças, essas palavras não eram metáforas. Se as esquerdas tomassem o poder, haveria, provavelmente, a resistência das direitas e poderia acontecer um confronto de grandes proporções no Brasil. Pior, haveria o que há sempre nesses processos e no coroamento deles: fuzilamento e cabeças cortadas.¹⁰

A opção pela luta armada frente à absoluta falta de vocação revolucionária da burguesia Brasileira fez com que muitos setores da esquerda rompessem com as concepções reformistas daqueles que apoiaram as reformas de Base frente às concepções tradicionalistas da teoria revolucionária marxista. Dessa forma, surgiram diversos grupos que juntos constituíram o que se chamou de “nova esquerda”, rompendo com o mito do monolitismo da representação política das classes populares e utilizando como método Revolucionário a luta armada como principal forma de luta contra o capital e a exploração Burguesa, propondo uma revolução socialista a partir da ditadura do proletariado.

A “nova esquerda” certamente foi bastante influenciada pelos novos modelos revolucionários internacionais. A revolução cubana, desde 1959, fascinava as vanguardas políticas revolucionárias de todo o continente. *“A revolução chinesa influenciaria igualmente os troncos formados a partir do PCdoB e da AP (Ação Popular). O quadro completava-se com a inspiração trazida pela luta de libertação nacional do Vietnã.”*¹¹

No caso do Brasil, Cuba apoiou concretamente a formação da guerrilha. Primeiramente, com o treinamento militar dado a grupos organizados pelas ligas camponesas, que, ao contrário do que a historiografia tradicional tem apontado, já haviam feito a opção pela luta armada antes mesmo do golpe de 1964. As ligas inicialmente tinham apenas como principal bandeira de luta a reforma agrária e lutavam através das velhas táticas reformistas das esquerdas. Em seguida, sob forte impacto da Revolução Cubana, o grupo radicalizou a sua proposta e passou a defender a palavra-de-ordem “Reforma Agrária: na lei, ou na marra!”. Alguns militantes fizeram treinamento

guerrilheiro em Cuba, no entanto seus planos de uma insurreição armada no campo logo foram descobertos e desbaratados pelo exército.

Depois do golpe de 1964, Cuba passou a dar apoio a diversos grupos políticos de esquerda que fizeram a opção pela luta armada, principalmente aqueles liderados por militantes de renome como Leonel Brizola e Carlos Marighella. *“Daí até o início dos anos 1970, Cuba treinou guerrilheiros de organizações de vanguarda que seguiram o caminho da luta armada, principalmente, da ANL, da VPR e do MR-8”*.¹²

Todos os movimentos insugercionais de esquerda fracassaram no Brasil frente à devastadora ação contra-revolucionária empreendida pelo governo. Ao contrário do que é colocado por alguns autores, o fracasso da luta armada no Brasil não se deu somente por conta da ingenuidade ou da falta de preparo dos militantes, mas também por uma série de fatores conjunturais, os quais pretendo analisar mais a diante, que condenou toda uma geração a uma série de fracassos e decepções políticas. Foi uma geração que pagou com a própria vida pelo seu idealismo.

Na Bolívia

Para Che Guevara, a Bolívia era o país perfeito para a eclosão de uma nova revolução na América Latina, pois reunia a “química” perfeita do ideal revolucionário do comandante, que em suas viagens tivera a oportunidade de conhecer esse país e as diferentes correntes políticas que o congregavam. A Bolívia há muito apresentava um quadro de instabilidade política em que sindicatos, exército e latifundiários se digladiavam pelo poder. Em 1964, essa situação foi agravada com o golpe militar apoiado pela burguesia nacional. Além disso, a população enfrentava um quadro de profunda miséria, pois, na época, a Bolívia era o país mais pobre da América depois do Haiti, no entanto era o país que mais contava com o apoio militar dos Estados Unidos nas Américas.

Diante desse quadro, Che e Fidel passaram a acreditar na possibilidade de uma Revolução socialista na Bolívia que seria o estopim de Revoluções por toda a América Latina. Cuba passou então a treinar um grupo de experientes guerrilheiros que foram

enviados para a região juntamente com o comandante primeiro da guerrilha (Ernesto Che Guevara).

Usando um disfarce e passaportes falsos, Che conseguiu entrar na Bolívia e logo encontrar seus companheiros em uma região de mata fechada próxima ao rio Ñancahuazú. Porém seus problemas logo começariam quando Mário Monje, presidente do Partido Comunista Boliviano, negou o apoio a Che insistindo que o partido deveria ter o controle com relação à guerrilha. Che não aceitou as proposições do partido e resolveu adotar a tática já conhecida do modelo cubano, tentar buscar apoio junto a população e mesmo com o um pequeno grupo – no início eram apenas 13 homens mal armados –, criar um foco guerrilheiro que avançaria na luta e derrubaria o regime vigente com o apoio da população.

Che, no entanto, não levou em consideração aquilo que escrevera em seus próprios manuais:

É importante destacar que a luta guerrilheira é uma luta de massa, é uma luta do povo. A guerrilha como núcleo armado é uma vanguarda combatente. Sua grande força tem raiz nas massas da população. Por isso, é correto recorrer à guerrilha só quando se tem do seu lado essa força majoritária. Portanto, o guerrilheiro conta com o apoio total da população da zona. Esta é uma condição *sine qua non* e pode ser vista se tomar como exemplo as quadrilhas de assaltantes que atuam na região. Têm todas as características do exército guerrilheiro. Homogeneidade, respeito pelo chefe, coragem, conhecimento do terreno e uma avaliação precisa da tática a seguir. Faltando somente o apoio do povo. O guerrilheiro é um reformador social que empunha as armas, respondendo ao protesto irado do povo contra seus opressores.¹³

As condições na Bolívia eram outras e a população da região onde Che resolveu instaurar a guerrilha era em geral de índios que viam Che e seus seguidores como “*estranhos tentando iniciar uma guerra, e não como libertadores do povo oprimido*”.¹⁴

Dessa forma, a guerrilha na Bolívia não conseguiu reunir mais do que 47 rebeldes. Apesar da experiência e do grande preparo de alguns guerrilheiros (o grupo conseguiu inclusive empreender algumas derrotas ao exército boliviano), o movimento

estava fadado ao fracasso. Acuada na mata com pouca alimentação e mal armados, o pequeno grupo foi aos poucos perdendo vários dos seus membros. Até que no dia 8 de outubro de 1967, os guerrilheiros são cercados, e Che Guevara é capturado por agentes da CIA que atuavam dentro do exército boliviano e, após passar por uma seção de torturas, é assassinado. Assim, “morria o homem nascia o mito”.

Outras experiências guerrilheiras

Durante as décadas de 60 e 70 ocorreram insurreições armadas em praticamente todos os países da América Latina. Os motivos para a eclosão desses movimentos vão muito mais além do exemplo revolucionário cubano.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, emergiram duas potências mundiais hegemônicas, Estados Unidos e União Soviética, que passaram a disputar pelo mundo áreas de influência. Após passar por um conturbado período de independência, os frágeis Estados latino-americanos vinham se digladiando nas lutas internas entre liberais e conservadores. Dessa forma, desde fins do século XIX os Estados Unidos, que já possuíam uma economia forte e centralizada, passaram a pôr em prática a doutrina Monroe “a América para os americanos” (os norte-americanos).

A crescente instabilidade política dos Estados latino-americanos fez com que eclodisse uma série de insurreições e golpes militares que só mostravam a completa incoerência dos modelos democráticos de governo dos “modernos” Estados Europeus com a cultura e dinâmica própria desses países.

Os rebeldes latino-americanos na década de 1950 inevitavelmente se viram não só recorrendo à retórica de seus libertadores históricos, de Bolívar a José Martí da própria Cuba, mas à tradição antiimperialista e social-revolucionária da esquerda pós-1917. (...) contra os norte-americanos, sobretudo na pobre América Central, tão longe de Deus, tão perto dos EUA (...).¹⁵

Todos os países da América Latina, com exceção do México, enfrentaram insurreições armadas durante as décadas de 50, 60 e 70, muitas das quais estavam fadadas ao fracasso e, com exceção do caso emblemático Cubano, o máximo que esses

movimentos conseguiram foi implementar reformas e estimular as ações contra-revolucionárias.

CONCLUSÃO

O fracasso dos movimentos guerrilheiros que tentaram seguir o exemplo cubano se deu, sobretudo, pelo despreparo e arrogância das esquerdas. Acreditamos que seja um erro querer atribuir os motivos da derrota à forte competência do inimigo. Mesmo que naquele momento a luta armada pudesse parecer uma alternativa viável frente à situação miserável e caótica em que se encontravam muitos Estados latino-americanos, a esquerda – que se reivindicava como vanguarda – não conseguiu romper com a velha mentalidade colonialista de querer exportar modelos, e seus burocratas preferiram amargar mais uma derrota a ter que admitir que a experiência social não podia seguir a teoria dos seus velhos manuais.

Por toda a América Latina, entusiasmados grupos de jovens lançaram-se em lutas de guerrilha uniformemente condenadas de antemão sob a bandeira de Fidel, ou Trotski, ou Mao Tsé-tung. Com exceção da América Central e da Colômbia, onde havia uma velha base de apoio camponês a tropas armadas irregulares, a maioria dessas iniciativas desmoronou quase imediatamente, deixando atrás de si os cadáveres dos famosos (...) e dos desconhecidos. Foi uma estratégia espetacularmente mal concebida, tanto mais porque, nas condições corretas, movimentos de guerrilha efetivos e duradouros em muitos desses países eram possíveis como provaram as FARC's (...) e o movimento Sendero Luminoso (maoísta) no Peru.¹⁶

A ação contra-revolucionária na América Latina foi devastadora e não perdoou os ingênuos militantes de esquerda, ou aqueles românticos que acreditavam que a Revolução libertaria o povo da opressão do “monstro mau Capitalista” e dos “malvados ianques”. Dessa forma, eclodiram violentas ditaduras militares direitistas, apoiadas pelos Estados Unidos, que perseguiram, torturaram e assassinaram a população em nome da Doutrina de Segurança Nacional e contra o perigo comunista. Os fortes Estados de tradição militarista da América do Sul como Chile, Argentina e Brasil foram os que implementaram as ditaduras mais sanguinárias, sendo seus ex-ditadores e torturadores conhecidos internacionalmente por seus crimes e atrocidades cometidos.

Por fim, concluo esse Artigo com as palavras escritas por um guerrilheiro que nasceu na Guiné Bissau e que lutou durante a década de 1960 na guerrilha do MPLA (Movimento Pela Libertação da Angola), mas que acabou se exilando no Brasil frente à eminente derrota do seu grupo após a vitória da luta pela independência.

Em qualquer movimento popular que se preze não basta ter uma vanguarda. Ela tem de ser revolucionária e popular. E não existe se não for eleita pela maioria e se guie a vontade e as diretrizes dessa maioria. Nenhuma 'vanguarda' deve ser dissociada do poder popular. Se tal ocorrer, essa 'vanguarda' não passará de uma vanguarda populista a serviço do oportunismo político, a serviço do próprio inimigo.

É o povo que faz a Revolução e a vanguarda não deve ir além de ser o representante legítimo desse povo. Só essa legitimação a torna uma vanguarda.

NOTAS

¹GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 202

²BESANÇON, Alain. *A Infelicidade do Século*. Editora Bertrand Brasil, 2000. In: <http://historiarevista.blogspot.com/>

³ GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 245

⁴Idem. p. 245

⁵GUEVARA, Ernesto Che. *O socialismo e o homem em Cuba*.

⁶ Do ditador Anastácio Somoza.

⁷SADER, Emir. *Cuba, Chile, Nicarágua: Socialismo na América Latina*. São Paulo: Atual, 1992. p. 62

⁸ GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 247

⁹ SADER, Emir. *Cuba, Chile, Nicarágua: Socialismo na América Latina*. São Paulo: Atual, 1992. p. 70

¹⁰Daniel Aarão Reis - professor de História da UFF, ex-guerrilheiro do MR-8 – O Globo, 29 de março de 2004.

¹¹*Notícias de Jornal Velho: A Revolução que não veio*, por Carlos I.S. Azambuja. In: <http://www.midiasemmascara.com.br/artigo.php?sid=4181>

¹²*O apoio de Cuba à luta armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro*, por Denise Rollemberg. In: http://www.historia.uff.br/artigos/rollemberg_apoio.pdf

¹³GUEVARA, Ernesto Che. *A guerra de guerrilha*.

¹⁴ <http://www.jsb.org.br/internas.asp?id=65>

¹⁵ HOBSEBAM, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 426-427

¹⁶ Idem. p. 428